UMA LEITURA DE *SENHOR DAS MOSCAS* E SUAS VÁRIAS PERSPECTIVAS

**Resumo**

O presente trabalho busca aprofundar-se na leitura da obra escrita por William Golding, *Senhor das Moscas* (1954) e, por meio de outras obras, analisar e comparar o contexto atual das questões humanas, filosóficas e políticas tratadas no romance. O objetivo desta pesquisa é buscar, com base na obra política contratualista de Thomas Hobbes e outras narrativas que tratam da mesma temática proposta em *Senhor das Moscas*, como naufrágio e sobrevivência, analisar o comportamento humano quando em confronto com a natureza e as adversidades, como a ausência total de uma sociedade e de suas regras; e, como as crianças da história, conseguem lidar com as situações primitivas e bárbaras às quais elas mesmas causam ou se deparam ao longo da jornada. Esta pesquisa foi realizada de modo bibliográfico e busca promover discussões e reflexões acerca do homem como um ser inerente à maldade e mesmo egoísta, quando colocado em situações de risco e sobrevivência, tendendo a autopreservação.

**Palavras-chave:** Romance; Sociedade; Thomas Hobbes; Senhor das Moscas; William Golding.

**ABSTRACT**

The present work seeks to deepen the reading of the work written by William Golding, *Lord of The Flies* (1954) and through other works to analyze and compare the current context of the human, philosophical and political issues dealt with in the novel. The objective of this research is to seek, based on the contractual political work of Thomas Hobbes and other narratives that deal with the same theme proposed in *Lord of the Flies*, such as shipwreck and survival, to analyze human behavior when in confrontation with nature and adversities , such as the total absence of a society and its rules; and, like the children of history, they are able to deal with the primitive and barbaric situations that they themselves cause or encounter during the journey. This research was carried out in a bibliographic way and seeks to promote discussions and reflections about man as a being inherent in evil and even selfish, when placed in situations of risk and survival, tending to self-preservation.

**Keywords**: Romance; Society; Thomas Hobbes; Lord of the Flies; William Golding.

1. **INTRODUÇÃO**

O romance *Senhor das Moscas* (1954) é óbvia desde a primeira leitura, mas é com o pontapé inicial neste mundo de William Golding que está o passaporte para que o leitor queira se embrenhar cada vez mais fundo nas questões humanas e filosóficas presentes na obra. De uma forma pouco convencional ele trilha o caminho percorrido por Ralph, Jack, Simon, Porquinho e outras inúmeras crianças perdidas em uma ilha deserta logo após o avião em que elas se encontravam ser abatido em meio a uma guerra. As crianças que são apenas levadas pelo piloto, que com a queda do avião acabara por morrer, ficando sozinhas e isoladas sem nenhuma possibilidade de ajuda nesta ilha.

Em um primeiro momento tudo é festa e alegria pois as crianças se vêem de férias, sem adultos para lhes dizer o que fazer, sem escola e obrigações. Com o decorrer da história a situação mental desses meninos vai regredindo a um estado primitivo e totalmente selvagem, fazendo-os agir irracionalmente, e, é nessa alegoria caótica que vemos o desenrolar de uma narrativa surpreendente e perversa sobre como a raça humana é suscetível ao egoísmo e ao ódio.

O autor William Golding, nasceu na Cornualha, Inglaterra em 1911. Exerceu inúmeras atividades antes de se tornar escritor. Publicou sua primeira coletânea de poemas em 1935, intitulado *Poems,* em 1940 ingressou na Marinha Britânica e participou de ações militares durante a Segunda Guerra Mundial até 1944, voltando em seguida a lecionar. Seu primeiro romance, *Senhor das Moscas* foi publicado em 1954, seguido de outras obras como *Os Herdeiros* (1955), *Queda Livre* (1959), *A Agulha* (1964) e *Ritos de Passagem* (1980), este último rendeu-lhe o Booker Prize Inglês, um dos prêmios literários mais importantes do mundo. Em 1983 é agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, pelo conjunto de sua obra, cinco anos mais tarde é condecorado Cavaleiro do Império Britânico. Morreu em 1993, aos 81 anos.

Neste trabalho, pretende-se explorar três pontos diferentes desta narrativa tão recheada de pontos reflexivos sobre o ser humano e o que ele é capaz quando isolado de um convívio social regrado e exposto ao medo. Em um primeiro momento, analisar o romance em seus aspectos literário e comparativo, traçando paralelos entre esta e outras obras que abordam temas semelhantes, mostrando pontos relevantes e cruciais da narrativa como clássico da literatura inglesa.

Em segundo plano, uma breve introdução ao Novo Romance francês, como um movimento literário dotado de aspectos semelhantes aos apresentados na escritura de William Golding no decorrer do romance. E em um terceiro momento, um vislumbre do romance pelo prisma da obra política contratualista de Thomas Hobbes, *O Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico Civil* (1651), e como o “estado de natureza” do ser humano e suas consequências, descrito por ele, é tomado no romance de Golding.

O livro, propositalmente, busca incitar a reflexão acerca de determinadas normas da sociedade, se a falta delas e de recursos, como os que são desfrutados em uma civilização com um sistema de governo, como lei e justiça, saúde e proteção, direitos e deveres a todos, sem exceção e, acima de tudo, instrução sobre ética e moral, tem alguma influência na forma como o ser humano lida com as adversidades.

O presente trabalho tem como objetivo explicitar e questionar qual a função dessas reflexões acerca da essência do ser humano para a sociedade atual e se são relevantes, bem como trabalhar a questão simbólica tão presente e significativa para a trama, tanto por um apelo de verossimilhança quanto por sua dura crítica às questões políticas da guerra, ocorrida pouco antes do livro ser escrito, como da própria mitificação do homem como um ser dominador e soberano.

* 1. **Conhecendo a obra *Senhor das Moscas* de William Golding**

A obra *Senhor das Moscas* narra a história de um grupo de crianças que estão fugindo de uma possível guerra mundial, na qual a cidade deles foi devastada por bombardeios. O avião no qual os menores se encontram cai em uma ilha deserta paradisíaca, onde os únicos sobreviventes são um grupo de meninos de 06 a 12 anos. Apesar de livres das regras sociais que determinam o cotidiano desses meninos, de início eles ainda carregam os valores da civilização.

Eles então elegem um líder democraticamente e conseguem enfrentar pacificamente as diferenças que vão surgindo; ao longo da narrativa a história vai tomando um outro rumo saindo da democracia e regredindo para selvageria num estado primitivo.

O livro nos apresenta alguns personagens e podemos dizer que cada um deles representa um modelo social. O contexto democrático vai aos poucos se desconstruindo e começa a dar início a uma brutalidade, na qual o ser humano começa a regredir de um estado civilizado para um estado selvagem.

Ralph é eleito democraticamente pelos garotos, ele representa a democracia e procura sempre manter a ordem através de regras fundamentadas, não só para manter a sobrevivência, mas também para procurar meios para que ocorra de alguma forma o resgate deles.

Jack, por outro lado, tem um jeito tirano, ele tem outras prioridades como caçar e se manter vivo, para ele a carne é mais importante do que a fogueira no momento em que estão vivendo.

Porquinho é como a personificação da razão, ele é descrito como um garoto gordo, asmático e que usa óculos. Ele sofre de uma certa forma um preconceito referente ao seu jeito. Diferente de Ralph, ele não é querido pelos outros meninos por causa das suas limitações, é alvo constante de piadas e risos do grupo, mas por outro lado é inteligente e possui a maioria das ideias para sobreviverem na ilha, inclusive a ideia de fazer uma fogueira e de mantê-la acesa para chamar a atenção dos navios para que os resgatem.

O medo começa a tomar conta das crianças e com isso eles passam a perderem-se, começam a ter alucinações e a principal delas é a de que existe um monstro na ilha. Ralph insiste em dizer que o monstro não existe, mas Jack, que iniciou um combate contra Ralph por causa da liderança e por se sentir humilhado, quando foi feito a votação, promete aos demais que ele irá matar o monstro.

As crianças fazem da cabeça de um porco uma oferenda para a “besta”, assim chamada pelas crianças.

Simon é um garoto calmo e bem tranquilo, em uma de suas conversas com o “senhor das moscas” (nome dado por ele à cabeça de porco), este avisa que ele corre perigo, e até prevê sua morte. Simon descobre que a “besta” é o corpo do paraquedista (que havia caído na ilha durante uma batalha noturna de aviões de guerra) e sai correndo para contar para os demais, porém, chegando lá, as crianças estão numa espécie de ritual, coordenada por Jack, alucinadas e com medo, as crianças partem para cima de Simon e o espancam até a morte, como selvagens:

O bicho tentou avançar, rompeu o círculo e caiu do lado íngreme da pedra, na areia à beira da água. Imediatamente, todos o seguiram correndo, saltando da pedra, pulando no bicho, gritando, golpeando, mordendo, rasgando. Não havia palavras, nem movimentos além do ataque dos dentes e das garras. (…) Lentamente, cercado por uma franja de inquisitivas criaturas brilhantes, ele próprio uma forma prateada sob as imutáveis constelações, o corpo morto de Simon moveu-se rumo ao alto-mar (GOLDING, 2014, p. 167-169).

Com toda essa selvageria, Porquinho e Ralph, que também haviam participado do ocorrido, ficam completamente perturbados. Jack e seus integrantes definem que a concha não é o verdadeiro símbolo da ilha e sim os óculos de Porquinho, sendo o mesmo usado pelos garotos para manter a fogueira acesa.

Eles invadiram o acampamento de Ralph e Porquinho e em meio a chutes e trocas de socos roubaram os óculos de porquinho, com isso a fogueira se apaga e os garotos ficam sem ter como manter a fogueira acesa.

Ralph, Porquinho, Sam e Eric vão ao encontro de Jack e sua tribo para pegarem de volta os óculos; Ralph exige que Jack e seus apoiadores devolvam os óculos para Porquinho, ali Ralph tem total certeza de que ele já não tem mais apoiadores e que já não se encaixa mais como o chefe dos demais. Ralph e Jack se envolvem em uma luta corporal, Roger um dos seguidores de Jack, começa a lançar pedras e solta com uma alavanca uma enorme pedra que ao cair esmaga Porquinho:

A rocha abateu-se sobre Porquinho num golpe fulgurante, em cheio, do queixo aos joelhos; a concha explodiu em mil fragmentos brancos de deixou de existir. Porquinho, sem dizer nada, sem tempo nem para um protesto, foi projetado no ar para um lado, virando sobre si mesmo. (…) Porquinho caiu doze metros e bateu com as costas na pedra quadrada e vermelha do mar. Sua cabeça partiu-se e dela saiu algo que se avermelhou. Os braços e pernas de Porquinho mexeram-se um pouco, como os de um porco ao ser morto. (…) Desta vez o silêncio era completo. Os lábios de Ralph formaram uma palavra, mas não produziram som algum (GOLDING, 2014, p. 197-198).

Nesse momento qualquer ato de ordem ou de segurança deixa de existir, Ralph consegue escapar, porém Sam e Eric são presos e torturados pela tribo de Jack. Ralph se esconde no meio da mata, mas consegue falar com Sam e Eric e os confrontam, ele quer entender o que está acontecendo; ali os garotos o avisam para ir embora e se esconder, pois os garotos da tribo de Jack vão sair pela manhã para o caçarem e matá-lo como um porco.

Jack e seus apoiadores começam uma grande caçada em busca de Ralph, as crianças ateiam fogo por toda ilha, devastando uma grande área da ilha. Ralph se desespera e corre em direção à praia, onde cai e visualiza uma pessoa uniformizada, um oficial da marinha. Ali Ralph chorava o fim da inocência, as trevas do coração humano, e a queda no abismo do amigo sincero e ajuizado chamado Porquinho (GOLDING, 2014, p. 223).

Diante do que foi encontrado na ilha, o oficial mostra uma certa indignação, pelo fato de serem crianças e pela condição nas quais elas foram encontradas. O oficial tem para ele que crianças ainda mais sendo inglesas podiam se comportarem de uma forma melhor, devido a educação que é dado a eles e devido a toda inocência de uma criança.

* 1. **O estado de natureza humano**

Procurar por apenas uma área de análise na narrativa de William Golding, *Senhor das Moscas* (1954) é bem redutor, pode-se dizer que há vários campos de interpretação e inúmeras áreas de discussão sobre o desenrolar da história das crianças que ficaram perdidas na ilha. Pendendo para a problemática principal da narrativa, a degeneração do ser humano perante a falta de um contrato social e de uma estrutura concreta de leis e direitos, com supervisão sancionadora, faz com que essas crianças saiam do controle, desrespeitando os limites sociais e rompendo com a civilidade (são crianças britânicas) ao extremo, chegando à barbárie e à selvageria.

Pode-se dizer, através de um olhar político filosófico, que a obra trata o ser humano como um animal dotado de medo e capaz de qualquer coisa pela sua autopreservação, como Thomas Hobbes fala em seu contrato social, a obra *O Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico Civil*. Segundo Hobbes (2003):

O fim último, causa final e desígnio dos homens (que amam naturalmente a liberdade e o domínio sobre os outros), ao introduzir aquela restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita. Quer dizer, o desejo de sair daquela mísera condição de guerra que é a conseqüência necessária (conforme se mostrou) das paixões naturais dos homens, quando não há um poder visível capaz de os manter em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito àquelas leis de natureza. Porque as leis de natureza (como a justiça, a eqüidade, a modéstia, a piedade, ou, em resumo, fazer aos outros o que queremos que nos façam) por si mesmas, na ausência do temor de algum poder capaz de levá-las a ser respeitadas, são contrárias a nossas paixões naturais, as quais nos fazem tender para a parcialidade, o orgulho, a vingança e coisas semelhantes (HOBBES, 2003, p. 59).

Partindo do pressuposto de Hobbes, de que o ser humano, sem autoridade para fazer valer as leis sociais e sem uma estrutura de governo que controle a todos, vai estar disposto a tudo para se preservar, pois é dotado de medo. Diante deste quadro, considera que o romance, em que as crianças, sucumbidas pelo medo do monstro, que as mais novas dizem terem visto como um vulto na mata, acabam regredindo severamente à selvageria, o que desencadeia agressividade e caos que se seguem até o fim da trama, pode ser analisado pelo prisma da teoria de Hobbes, pois encaixa-se perfeitamente com o que ele descreve ser a reação natural humana ao medo, principalmente quando não se tem algo que garanta sua saúde, seus direitos e sua vida.

Hobbes (2003) continua:

Tal como os homens, tendo em vista conseguir a paz, e através disso sua própria conservação, criaram um homem artificial, ao qual chamamos Estado, assim também criaram cadeias artificiais, chamadas leis civis, as quais eles mesmos, mediante pactos mútuos, prenderam numa das pontas à boca daquele homem ou assembleia a quem confiaram o poder soberano, e na outra ponta a seus próprios ouvidos. Embora esses laços por sua própria natureza sejam fracos, é, no entanto, possível mantê-los, devido ao perigo, se não pela dificuldade de rompê-los (HOBBES, 2003, p. 74).

O trecho acima indica o que os meninos tentaram fazer no início do convívio na ilha, Ralph, designado líder por meio democrático de votação, começa um sistema de governo parlamentar na ilha, designando funções e tarefas, assim como também as prioridades que consistem na sobrevivência, como, por exemplo, manter uma fogueira acesa para que sejam localizados e salvos, mas conforme os ideais prioritários dos meninos começam a ser de natureza oposta, o embate e a animosidade crescem entre eles, estando Ralph de um lado, prezando pelos ideais citados acima e Jack do outro, tendo como prioridade atitudes mais agressivas e imediatas.

Jack, denominado como líder dos “caçadores”, como se intitulam, por achar que a carne é mais importante para eles naquele momento do que a fogueira e, mais ainda, por estar se afeiçoando cada vez mais à brutalidade que aquilo exige, está pouco se importando com a prioridade dada ao acampamento e à fogueira por Ralph e começa a se impor rudemente o seu comando, o que torna o governo e o projeto de civilização criado pelos meninos na ilha; totalmente estremecido, e a briga pela liderança do grupo começa resultando em uma cisão entre os garotos.

Pode-se pensar que por serem crianças, ainda em processo de formação de pensamento e ideais sociais, sem muita experiência com o convívio social e suas regras, tenham tido dificuldades na implementação desse tipo de governo na ilha, criando má disposição, em alguns garotos, de não querer se submeter a outros como líderes, principalmente quando divergem quanto ao que é melhor para o grupo.

De acordo com Hobbes (2003), no trecho abaixo, o desejo constante de se provar e ser valorizado, quando não concretizado, dá margem para que o ser humano se torne destrutivo, e ele cita três causas principais para a discórdia:

(...) os homens não tiram prazer algum da companhia uns dos outros (e sim, pelo contrário, um enorme desprazer), quando não existe um poder capaz de manter a todos em respeito. Porque cada um pretende que seu companheiro lhe atribua o mesmo valor que ele se atribui a si próprio e, na presença de todos os sinais de desprezo ou de subestimação, naturalmente se esforça, na medida em que a tal se atreva (o que, entre os que não têm um poder comum capaz de os submeter a todos, vai suficientemente longe para levá-los a destruir-se uns aos outros), por arrancar de seus contendores a atribuição de maior valor, causando-lhes dano, e dos outros também, através do exemplo. De modo que na natureza do homem encontramos três causas principais de discórdia. Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança; e terceiro, a glória. A primeira leva os homens a atacar os outros tendo em vista o lucro; a segunda, a segurança; e a terceira, a reputação (HOBBES, 2003, p. 46).

Essas três causas são plenamente retratadas no romance. Inicia-se com a derrota de Jack na eleição, logo no começo da história, o que fere seu ego e instiga seu desejo de se provar como o melhor; em seguida um medo domina os meninos ao pensarem haver um monstro na ilha; e, por último, a reviravolta de Jack, que decorreu da má conduta de Ralph frente à segurança dos meninos, não sabendo se colocar como líder em situações de punição dos que desobedecem suas leis, resultando no não resgate deles por um navio que passou próximo a ilha e não os viu, pois a fogueira estava apagada.

A rusga existente entre Jack e Porquinho, outro personagem importante e claro apoiador de Ralph, acaba por fazer com que Jack mais se oponha a este último, pelo fato dele escutar e seguir Porquinho como a um conselheiro. Porquinho é colocado como um personagem extremamente inteligente e mimado, o típico garoto “gordinho” e *nerd* que sofre *bullying*, essa inteligência é essencial a Ralph, pois o mesmo, apesar do carisma e voz de liderança, pena um pouco para ter ideias sobre como lidar com a situação vivida por eles e sobre o que é preciso fazer, dependendo de Porquinho para coisas estratégicas e lógicas, como fazer fogo com os óculos.

A insistente implicância de Jack com Porquinho, a vontade de Porquinho de ser o dono da razão a todo custo, pois é o mais inteligente da ilha, acabam por aumentar a rixa de Jack com o comando de Ralph. Jack pressiona Ralph para punições e medidas mais extremas, já Porquinho fala o tempo todo contra Jack, por não compactuar com o modo violento com que ele gosta de levar as coisas, tudo isso somado ao fato de que, como citado no parágrafo acima, Ralph não possui pulso firme para penalizar quem não respeita suas leis e disciplinar os meninos para fazer valer suas ordens na ilha, Jack vai ganhando cada vez mais voz e não demora muito para que a maioria se unam a ele, principalmente por ter coisas imediatas a seu favor, como a carne de porco que ele e seu grupo caçam na ilha, já Ralph continua com o discurso de uma “possível” salvação, o que no momento, devido ao tempo que estavam ali, naquela escassez e vivendo a base de frutas, já não impelia mais os garotos a ficarem a seu lado, tornando seu grupo muito pequeno, o que nos leva a crer que os laços se enfraquecem e os meninos não conseguem manter a organização primariamente estabelecida.

Pensando por um segundo ângulo, fica o questionamento sobre esse caos todo poder ou não ser evitado, caso fossem homens adultos a ficarem perdidos na ilha em vez desses meninos que mal atingiram a puberdade. Se seria essa uma reação desejada do autor, querer causar esse questionamento no leitor, visto que a sociedade desde sempre associa a infância com inocência. Será que a racionalidade adulta faria com que tudo saísse na mais perfeita ordem, até que houvesse um futuro resgate ou isso é apenas uma pintura de toda a calamidade presenciada pelo autor durante a Segunda Guerra Mundial, da qual Golding participou como um dos soldados das tropas aliadas? Ainda observando pelo viés da teoria de Hobbes, o caos seria o resultado não importa a idade, talvez fosse um desenrolar mais lento para toda a barbaridade e selvageria que os meninos atingiram de forma bem rápida e cruel, mas não seria diferente, pois o ser humano tende a ser egoísta na ausência de um poder superior que o freia, como Hobbes destaca, no trecho abaixo:

E a ciência dessas leis é a verdadeira e única filosofia moral. Porque a filosofia moral não é mais do que a ciência do que é bom e mau, na conservação e na sociedade humana. O bem e o mal são nomes que significam nossos apetites e aversões, os quais são diferentes conforme os diferentes temperamentos, costumes e doutrinas dos homens. E homens diversos não divergem apenas, em seu julgamento, quanto às sensações do que é agradável ou desagradável ao gosto, ao olfato, ao ouvido, ao tato e à vista, divergem também quanto ao que é conforme ou desagradável à razão, nas ações da vida cotidiana. Mais, o mesmo homem, em momentos diferentes, diverge de si mesmo, às vezes louvando, isto é, chamando bom, àquilo mesmo que outras vezes despreza e a que chama mau. Daqui procedem disputas, controvérsias, e finalmente a guerra. Portanto enquanto os homens se encontram na condição de simples natureza (que é uma condição de guerra) o apetite pessoal é a medida do bem e do mal (HOBBES, 2003, p. 57).

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas leituras para elaboração do presente trabalho, buscamos refletir sobre o modo como o ser humano foi retratado na obra de William Golding em contraponto com outras obras, e como ele se porta perante a sociedade em si ainda hoje. Sabemos como o narrar das crianças perdendo o controle, feitas por Golding em sua obra, foi controversa e causou revolta em sua publicação, ainda mais sendo ele tão fora do padrão de escrita sobre os britânicos na época, diferente de obras como *A Ilha de Coral*, de R. M. Ballantyne, e *Dois Anos de Férias*,de Júlio Verne, que retratam meninos habilidosos e que lidam com a situação de maneira bem mais eficiente e menos perturbadora do que os meninos da história de Golding. Para isso, buscamos apoio na leitura de obras filosóficas para entender um pouco mais essa alegoria caótica exposta por Golding em seu romance, que, assim que se finaliza a leitura, causa inúmeras reflexões sobre o quão vulnerável é o ser humano quando não “protegido” pelo poder de leis e imposições éticas e morais da sociedade. Hobbes traz exatamente essa reflexão em seu estudo, ele explica que o contrato social feito pelos homens tende a ser por proteção contra seu próprio medo, capaz de inúmeras atitudes grotescas quando exposto a uma situação de risco, sem o poder de um estado que garanta a sua proteção e seus direitos.

O trabalho ainda está em andamento, com as análises sobre as obras adjacentes, com o intuito de mostrar essas possíveis perspectivas do romance, com base em outros desfechos e na escrita de Golding, além de proporcionar a reflexão sobre o que o homem é capaz quando não acalentado pelos braços da sociedade.

**REFERÊNCIAS**

BALLANTYNE, R. M. *A ilha de coral.* Tradução de Nélida Piñon. S/D. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

GOLDING, William. *Senhor das moscas*. Tradução de Sérgio Flaksman. 1° Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HOBBES, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiático civil.* Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. S/D. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VERNE, Júlio. *Dois anos de férias.* Tradução de Daniel Aveline. 1° Ed. São Paulo: Edipro, 2017.